



A atuação da Alcar e a tendência da pesquisa em História das Mídias Audiovisuais no Brasil¹

Guilherme Moreira FERNANDES²

Patrícia Cardoso D'ABREU³

Resumo:

Este trabalho traça um panorama da atuação da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar) e das pesquisas apresentadas no GT História das Mídias Audiovisuais, refletindo sobre a ancoragem dos objetos da comunicação nas especificidades da área do audiovisual. Busca-se compreender como figuras de historicidade, temporalidades e crônicas se articulam às pesquisas sobre televisão, vídeo e cinema. O objetivo é contribuir com o entendimento sobre a relevância e a influência da Alcar para a visibilidade, a troca e o estímulo às pesquisas de perspectiva histórica sobre o audiovisual nos últimos vinte anos. Para tanto, foi realizado um breve histórico da Rede Alcar, seguido do levantamento quantitativo dos temas de pesquisa submetidos no GT História das Mídias Audiovisuais e sua posterior análise documental à luz dos objetivos propostos.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; Alcar; tendências de pesquisa.

The role of Alcar and the trend of research in the History of Audiovisual Media in Brazil

Abstract:

This paper provides an overview on the activities of the Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar) and the research presented in the GT História das Mídias Audiovisuais, reflecting on the anchoring of communication objects in the specificities of the audiovisual field. The aim is to understand how figures of historicity, temporalities, and chronicles are interconnected in research on television, video, and cinema. The objective is to contribute to the understanding of Alcar's relevance and influence on the visibility, exchange, and stimulation of historical perspective research on audiovisual media over the last twenty years. To achieve this, a brief history of the Alcar Network is provided, followed by a quantitative survey of research themes submitted to the GT História das Mídias Audiovisuais and their subsequent document analysis in light of the proposed objectives.

Keywords: History of Audiovisual Media; Alcar; research trends.

¹ Este trabalho, ora revisado, foi apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIV Encontro Nacional de História da Mídia, de 02 a 04 de agosto, na Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói-RJ.

² Doutor em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB. *E-mail:* guilherme.fernandes@ufrb.edu.br

³ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* patriciadabreu@gmail.com.





El rol de Alcar y la tendencia de la investigación en la Historia de los Medios Audiovisuales en Brasil

Resumen:

Este artículo ofrece una visión general de las actividades de la Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar) y de las investigaciones presentadas en el GT História das Mídias Audiovisuais, reflexionando sobre el anclaje de los objetos de comunicación en las especificidades del área audiovisual. El trabajo busca comprender la relación entre la historicidad, las temporalidades y las crónicas en las investigaciones sobre televisión, video y cine, con el objetivo de contribuir a la comprensión de la relevancia y la influencia de la Alcar en las investigaciones históricas sobre lo audiovisual en las últimas dos décadas. El estudio incluye un breve histórico de la Red Alcar, seguido de un levantamiento cuantitativo y análisis de documentos de los temas de investigación en el GT História das Mídias Audiovisuais.

Palabras clave: Historia de Medios Audiovisuales; Alcar; tendencias de investigación.

Introdução

Instituída em 2001 como Rede Alfredo de Carvalho (Rede Alcar), idealizada por José Marques de Melo, a Rede Alcar tinha como objetivo inicial comemorar o bicentenário da imprensa que seria celebrado em 2008, ano em que a rede de pesquisadores se dissolve e transforma-se em Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (Alcar), tendo a professora Marialva Barbosa como primeira presidenta. Como atividade comum entre a rede e a associação está a realização do Encontro Nacional de História da Mídia, que desde 2008 passou a ser realizado de forma bianual e, em 2023, chegou à 14ª edição.

De 2003 a 2019, 2678 artigos foram apresentados, conforme dados coletados por Christina Musse (2020). Em 2021, em edição virtual realizada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o evento teve 229 trabalhos apresentados. Já em 2023, com o retorno da presencialidade, em evento realizado pela Universidade Federal Fluminense, o número de trabalhos selecionados foi de 160, conforme programação divulgada. Além do encontro, a Alcar mantém portal, jornal, revista científica, repositório de anais e *e-books*.

As associações acadêmicas e científicas são de fundamental importância para a consolidação do pensamento científico de uma área. Durante o século XX, pesquisas em História da Mídia foram desenvolvidas, mas não se podia considerar como tendência de estudo. Se até o início do século XXI as pesquisas em História da Comunicação eram tímidas, escassas e memorialistas, na primeira década no novo século constituiu-se como forte tendência do



campo e hoje se mostra como território consolidado. A Alcar, por meio de seus encontros, associados e publicações, contribuiu substancialmente para esse processo em múltiplos fluxos.

Ao lembrar a fundação da entidade, em entrevista à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o professor Marques de Melo (2017, p. 97-98) destaca o retorno do ensino de história nos cursos de graduação no universo da Comunicação e do Jornalismo:

[...] a história da comunicação no Brasil vem sendo mal contada até hoje. Agora, pelo menos, ela está funcionando de alguma maneira. No fim dos anos 1980, 1990, eu me dei conta de que a maioria das escolas havia eliminado a disciplina História da Imprensa, ou História do Jornalismo, ou História da Comunicação. Não só isso: as escolas estavam eliminando toda a parte de história [...]. Sem história, nenhum jornalista pode se alimentar. [...]. O que a Alcar teve, talvez, como um motor que deu certo? O fato de não se institucionalizar de início. Quando você cria uma entidade com muita burocracia, as pessoas ficam preocupadas só em saber se o estatuto está funcionando ou não. No caso da Alcar, fizemos um movimento, e esse movimento tem um encontro anual – já há dez anos que fazemos. E aí voltou: hoje, quase todas as escolas têm história. O volume de pesquisas de história aumentou razoavelmente. Acho que não tem volta.

No mesmo projeto de entrevistas com os ex-presidentes da Intercom, Marialva Barbosa (2017, p. 314) respondeu sobre a importância da Alcar para o desenvolvimento da pesquisa:

Eu acredito que, hoje em dia, a pesquisa na área de história dos meios de comunicação é mais complexa e de melhor qualidade graças ao trabalho da rede de pesquisadores de história da mídia e da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Acho que a associação fomenta o desenvolvimento de uma pesquisa bem interessante nessa área. A Alcar é muito importante para o surgimento de novos pesquisadores, para o desenvolvimento de outros interesses na área de história dos meios e, sobretudo, para aglutinar pesquisas e promover o debate que a pesquisa seja de melhor qualidade.

O retorno do pensamento histórico no ensino da graduação e o amadurecimento das pesquisas em nível de pós-graduação são conquistas da atuação política da Alcar que, ao se transformar em associação, legitimou a História da Comunicação como campo disciplinar da Ciência da Comunicação, ou, como prefere Muniz Sodré (2014), a ciência do comum.

A primeira geração, coordenada por Marques de Melo e dividida em núcleos regionais e grupos temáticos, lançou algumas pesquisas coletivas, que embora não tivessem o impacto na

mesma proporção da grandiosidade do projeto de rede de pesquisa, deram pistas para podermos entender os caminhos que a história da mídia vem seguindo desde o início do século XXI.

A primeira pesquisa que destacamos é *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*, organizada por Ana Baum, desenvolvida junto ao NP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e lançada em livro pela editora Garamond em 2004. O livro tematiza a cobertura radiofônica do cenário de crise político-militar que atingiu o Brasil no dia 24 de agosto de 1954, marcada pelo suicídio de um dos mais populares chefes de estado da América Latina, Getúlio Vargas. Marques de Melo (2004, p. 14), na apresentação do livro, destaca que “compreender e interpretar a ação da engrenagem radiofônica, em diferentes espaços da geografia brasileira, foi a meta esboçada pelos integrantes do Grupo de História da Mídia Sonora da Rede Alcar”. Ao explicar o processo de produção do livro, a organizadora destaca:

A pesquisa e a produção deste livro foram feitas em tempo recorde, de setembro de 2003 até julho de 2004. Buscou-se como diferencial ir além do inventário, da análise e da interpretação crítica apenas dos dados já registrados em outros livros. O esforço da equipe de professores foi o de produzir informações novas a partir também de entrevistas com testemunhas e do material sonoro encontrado. E, ao investigar qual foi o *lugar de fala* do rádio na época, este livro aponta para uma história pensada a partir de rupturas, e não como uma evolução contínua de acontecimentos, nomes e datas. [...] buscamos a mediação do passado com o presente para descobrir os fatores que fizeram os fatos, que determinaram o estilo de vida, para projetar os limites e as alternativas. A ideia de memória que norteou esse trabalho não é a de um reservatório de informações, mas a de um espaço móvel de deslocamentos, de retomadas, de desdobramentos, de polêmicas [...] (Baumworcel, 2004, p. 17).

Outro destaque que fazemos foi o ciclo de estudos “Itinerário da Mídia em São Paulo”, realizado em 2004, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), evento estruturante do Núcleo Paulista da Rede Alcar que resultou em dois livros: *São Paulo na idade média* (Marques de Melo; Adami, 2004) e *Os bandeirantes da idade média* (Marques de Melo, 2007b). Juntos, os dois livros trazem fragmentos que refletem o itinerário da imprensa, do rádio, do cinema, da televisão e de inovações midiáticas – apresentados no primeiro livro – história da comunicação popular, do jornalismo, da propaganda e das relações-públicas – presentes no segundo volume. Ao contrário de publicações anteriores, não nos é revelada uma história linear que coloca a cidade de São Paulo como centro do surgimento de veículos de comunicação, mas, sim, diversos estudos de caso que evidenciam protagonismos diversos.

Por fim, *Síndrome da mordação: mídia e censura no Brasil* (Marques de Melo, 2007a) reúne textos apresentados no IV Encontro de História da Mídia (São Luís-2006), abrangendo um tempo de longa duração (1706-2006), com aspectos diversos, como a censura ao jornalismo e às diversões públicas. O grande mérito da coletânea foi ir além do panorama nacional e trazer as perspectivas regionais. Todavia, trata-se de estudos pontuais que não pretendem ser uma obra de síntese, apesar da multiplicidade de abordagens. Na condição de ser memória de parte de evento, cumpre a função específica de sinalizar as pesquisas em desenvolvimento (Marques de Melo, 2007a).

Esses volumes que destacamos como representativos da primeira fase de atuação da Alcar vão se juntar a outras publicações coletivas, algumas resultantes de eventos específicos, que tiveram uma contribuição mais significativa, em termos teórico-metodológicos, para o que se caracterizou como pesquisa em história da mídia.

Memória do GT História da Mídia Audiovisual

O número de pesquisas realizadas em torno da mídia audiovisual sempre recebeu destaque no âmbito dos encontros da Alcar. Marques de Melo (2007c) explica que, entre 2003 e 2006, o Grupo de Trabalho (GT) História da Mídia Audiovisual apresentou 59 trabalhos, o que representa 10,6% em relação às publicações dos dez grupos temáticos que compunham o encontro nacional, que somavam 557 artigos. O protagonismo naquele momento foi do grupo História do Jornalismo. Foram coordenadoras do GT no período as professoras Marlene Blois, à época vinculada à Unicarioca, e Ruth Vianna, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Juntando os GTs História da Mídia Visual e Audiovisual nas edições de 2007 e 2008, Barbosa (2010, contabiliza 57 trabalhos em um universo de 456.

Barbosa (2010), ao apresentar um balanço das temáticas apresentadas nos encontros da Alcar de 2004 a 2009, salienta que no âmbito da mídia sonora, visual e audiovisual, a tendência de estudos se concentra em torno de duas linhas de análise: 1) memória histórica dos meios de comunicação e 2) construção de perfis de personagens-chaves agentes dessa história. Especificamente sobre a mídia audiovisual, a pesquisadora destaca:

[...] a televisão e o cinema assumem a dianteira temática, seguida de diversas outras expressões audiovisuais que são analisadas, na maioria das vezes, sob a forma metodológica dos estudos de caso, que, como já enfatizamos, se constituiu numa espécie de marca indicial dos estudos de história da mídia nesta primeira década de constituição da Rede de Pesquisadores de História da Mídia. Devemos, agora, ultrapassar essa fase, corrigindo uma carência

fundamental, decorrente do incipiente desenvolvimento de pesquisas integradas (Barbosa, 2010, p. 225).

Outra questão a ser observada nessa primeira década de estudo é a presença da regionalidade. A preocupação em construir a história e a memória dos veículos e das personagens em nível local, algo que permanece no GT com o passar dos anos.

Em 2009, o GT passou a ser denominado História da Mídia Visual e Audiovisual, coordenado pelas professoras Valquíria Kneipp (UFRN) e Iluska Coutinho (UFJF), entre 2009 e 2011, e por Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ) e Christina Musse (UFJF), no período de 2013 a 2015. Em 2017, o GT retorna à denominação anterior com coordenação de Ribeiro e Patrícia D'Abreu (UFES). A edição de 2019 foi coordenada por D'Abreu e as de 2021 e 2023 por Guilherme Moreira Fernandes (UFRB) e Patrícia D'Abreu. A Tabela 1 a seguir apresenta o número de trabalhos apresentados no GT:

Tabela 1 – Trabalhos apresentados no GP a partir da fundação da Associação

Ano Cidade	GT	Número de trabalhos	Total de artigos nos anais	Percentual
2009 Fortaleza CE	GT História das Mídias Visuais e Audiovisuais	38	215	17,7%
2011 Guarapuava PR	GT História das Mídias Visuais e Audiovisuais	37	217	17%
2013 Ouro Preto MG	GT História das Mídias Visuais e Audiovisuais	82	373	21,9%
2015 Porto Alegre RS	GT História das Mídias Visuais e Audiovisuais	98	429	22,8%
2017 São Paulo SP	GT História das Mídias Audiovisuais	43	305	14,1%
2019 Natal RN	GT História das Mídias Audiovisuais	22	173	12,7%
2021 Juiz de Fora MG (Virtual)	GT História das Mídias Audiovisuais	57	229	24,9%
2023 Niterói RJ	GT História das Mídias Audiovisuais	33	148	22,3%
Total		410	2089	19,6%

Fonte: Os autores, a partir de dados de Barbosa (2010), Musse (2020) e sítio Alcar (2021, 2023).

Machado (2012, p. 194), ao analisar a produção de 2011, observa que foram tematizados no GT: 1) natureza das tecnologias, com foco na televisão, contemplando processo de digitalização; 2) história da TV, sua importância na estruturação política, econômica e cultural, com ênfase no período da ditadura militar; 3) transformações dos meios e da sociedade com reflexos na programação e distintos gêneros e formatos, com destaque para o telejornalismo; 4) cinema e fotografia, com problemáticas ligadas à representação e à identidade. Musse (2020) destaca que, desde 2009, o GT figura, ao lado do GT História do Jornalismo, como o que mais recebe artigos.

A partir desses dados históricos, parte-se para a análise de conteúdo com o intuito de perceber o atual “estado da arte” da pesquisa envolvendo a mídia audiovisual, sinalizando a importância institucional da Alcar, por meio dos encontros nacionais, como uma vitrine para as tendências e interesses de pesquisa. Como *corpus* de análise utilizamos os trabalhos apresentados nas edições de 2019, 2021 e 2023, selecionando os textos de autoria de doutores (na condição de primeiro autor), totalizando uma amostra de 34 *papers*. Com o propósito de conhecer a amostra, dividimos os trabalhos por autoria na perspectiva de gênero (Tabela 2), suporte (Tabela 3) e território (Tabela 4).

Tabela 2 – Total de *papers* por gênero no GT

	Pesquisador doutor	Pesquisadora doutora	Soma
2019	5	1	6
2021	7	9	16
2023	4	8	12
Soma	16	18	34

Fonte: Os autores, a partir dos Anais do GT no sítio Alcar (2019, 2021, 2023).

Tabela 3 – Total de *papers* por suporte

	Televisão	Cinema	Outros (Youtube)	Soma
2019	5	1	-	6
2021	9	6	1	16
2023	6	4	2	12
Soma	20	11	3	34

Fonte: Os autores, a partir dos Anais do GT no sítio Alcar (2019, 2021, 2023).

Tabela 4: – Total de *papers* por território

	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Soma
2019	-	3 (UFRN, UFRB, UFPE)	2 (Univali, UFRS)	1 (UFJF)	6
2021	1 (UFAC)	3 (UFRN, UFMA, UFPE)	4 (Univali, UFPE, Unisul)	8 (UFJF[5], UFES, UFRJ[2])	16
2023	-	3 (UFRN [2], UFMA- Imperatriz))	2 (Unipampa, UEL)	7 (UFJF[3], UFRJ, UFSJ, UFMG, FCRB)	12
Soma	1	9	8	16	34

Fonte: Os autores, a partir dos Anais do GT no sítio, Alcar (2019, 2021, 2023).

Esse conjunto de tabelas tem o objetivo de demarcar nosso *corpus* empírico e nos permite visualizar os núcleos de atuação da Alcar. As mulheres são predominantes no GT, embora se observe um equilíbrio de gênero. Nota-se certo equilíbrio nos suportes utilizados como objeto empírico, o que nos leva a uma discussão específica da necessidade de divisão do GT.

No âmbito do território, destacam-se produções realizadas em três instituições públicas: Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Há fatores comuns entre elas, pois se destacam na produção de conhecimento no âmbito da história da mídia. São instituições que participam das atividades desde o momento de fundação da Rede Alcar, com professoras assumindo a coordenação do GT. O ponto mais relevante a se evidenciar é a oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado e doutorado com atuação ativa das ex-coordenadoras do grupo.

Para esta pesquisa, os 34 *papers* foram considerados em sua totalidade e analisados sob múltiplos aspectos para responder ao questionamento: qual é a contribuição do GT para o estado da arte da pesquisa em história da mídia audiovisual? Dessa forma, buscou-se verificar: Onde essas pesquisas são feitas? Quais são os autores mais recorrentes? Qual a escola de pensamento predominante? E qual é a tendência do campo?

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, de base documental, de abordagem quanti-qualitativa, em que os indicadores quantitativos sinalizam os objetos de exploração e inferências no âmbito do conteúdo a partir das recorrências de fenômenos.

Autores recorrentes: a formação a partir do NEPCOM (ECO/UFRJ)

Com o intuito de perceber quais são os autores mais recorrentes, realizou-se a contagem a partir dos 34 artigos. Não consideramos a autocitação nem o número de ocorrência do autor no mesmo texto. Consideramos os trabalhos coletivos. A Tabela 5 sintetiza os autores com mais ocorrências em textos distintos.

Tabela 5 – Autores recorrentes no GT

Nº de citações	Pesquisador/a	Área de Conhecimento	País de Pesquisa	Eixo refletido
6	Ana Paula Goulart Ribeiro	Comunicação	Brasil	História da Comunicação
6	Marialva Barbosa	Comunicação	Brasil	História da Comunicação
4	Andreas Huyssen	Literatura Comparada	Alemanha	Memória
4	Henry Jenkins	Comunicação	EUA	Convergência Midiática
4	Maurice Halbwachs	Ciências Sociais	França	Memória
4	Michael Polak	Ciências Sociais	França	Memória
4	Paul Ricouer	Filosofia	França	História/Memória
4	Jesús Martín-Barbero	Comunicação	Colômbia	Mediações
3	Arlindo Machado	Comunicação	Brasil	Televisão/Cinema
3	Beatriz Becker	Comunicação	Brasil	Telejornalismo
3	Bill Nichols	Comunicação	EUA	Cinema Documentário
3	Igor Sacramento	Comunicação	Brasil	História da Comunicação
3	Jacques Le Goff	História	França	História/Memória
3	Janice Caiafra	Comunicação	Brasil	Antropologia Urbana
3	Laurence Bardin	Metodologia Científica	França	Análise de Conteúdo
3	Maria Immacolata Vassallo de Lopes	Comunicação	Brasil	Telenovela
3	Renato Ortiz	Ciências Sociais	Brasil	Telenovela
3	Stuart Hall	Ciências Sociais	Inglaterra	Cultura
3	Talitha Ferraz	Comunicação	Brasil	Memória
3	Walter Benjamin	Ciências Sociais	Alemanha	História

Fonte: Os autores, a partir dos Anais do GT no sítio Alcar (2019, 2021, 2023).

A partir da Tabela 5, nota-se que a maior recorrência foi das pesquisadoras Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro, professoras da Escola de Comunicação da UFRJ. Elas estão ligadas ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais, e fazem parte do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom), desenvolvendo pesquisas em Comunicação, História e Memória.

O pensamento de Barbosa e Ribeiro ecoam na perspectiva da Alcar a partir de sua transformação em associação, quando passou a dar ênfase à História Cultural da Comunicação. Dessa forma, o protagonismo das autoras ultrapassa o âmbito do GT. Com influência dos pensadores da *École des Annales* para a construção de uma “Nova História”, as pesquisadoras vão além, ao proporem a articulação Comunicação e História como um “entre-lugar”, ou seja, como ponto de inflexão comum e articulado. A divulgação das ideias e das perspectivas da “Nova História” nas coletâneas de Le Goff na década de 1970 revolucionou outras áreas do conhecimento, sobretudo as Ciências Sociais e Humanas. Entre essas áreas, está a Comunicação, cuja contribuição para os estudos de História não mereceu, àquela ocasião, destaque dos autores que compuseram tais coletâneas. Hoje, já é tendência dos estudos comunicacionais a incorporação das características da “Nova História” (Ribeiro; Herschmann, 2008; Barbosa; Ribeiro, 2011). A partir disso, a série de pesquisas comunicacionais ajuda a compreender o tempo e o espaço, tão caro aos historiadores. A “história da comunicação” não ficou esquecida por historiadores, a exemplo de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, que publicaram, na década de 1950, *L'Apparition du livre*, retornando – na perspectiva do tempo de longa duração – à aparição do papel na Europa.

Os comunicólogos, em sua maioria, preferiram escrever a “história da comunicação” ligada à “história dos meios de comunicação”, com publicações repletas de datas e fatos/acontecimentos definidores de uma evolução do meio, embora essas publicações igualmente sejam uma fonte documental (nem que seja naquele longo processo de refutação das fontes utilizadas) (Ribeiro; Herschmann, 2008; Barbosa; Ribeiro, 2011).

Em suma, a partir da visão dos *Annales* e sua influência no pensamento intelectual brasileiro, a partir da década de 1980, surgiu tanto uma nova geração de historiadores que tinham em seus objetos a comunicação e os meios de comunicação como também uma nova geração de comunicólogos que trouxe outras abordagens aos novos e antigos problemas do campo. Igualmente, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, economistas, estudiosos do

Direito e das Letras e, mais recentemente, os turismólogos, museólogos, arquitetos e, por que não, os filósofos, deixam contribuições tanto para a História como para a Comunicação.

As críticas de Chartier ao modelo dos *Annales* das décadas de 1960 e 1970 foram reunidas em obra lançada em 1988. Chartier (2002), a partir de múltiplas influências – em que é possível listar Foucault, Thompson, Davis, Geertz, White e LaCapra –, pensa uma “nova história cultural” em que busca dar “novas abordagens” (novíssimas!), valorizar “mais objetos” a partir de uma problemática já cara para esse grupo. Os historiadores culturalistas passaram a dar especial atenção à representação, à prática e à apropriação, em sentido cultural e não socioeconômico, a partir de estruturas, valendo-se também de novos objetos, os mais comuns e os promotores de singularidades (Hunt, 1995; Chartier, 2002; Rioux; Sirinelli, 1998).
A história cultural

constitui-se como resposta a insatisfação sentida frente a história cultural francesa dos anos 60 e 70, entendida na sua dupla vertente de história das mentalidades e de história serial, quantitativa. Os traços que a caracterizam só podem ser compreendidos quando relacionados com a situação da própria história, como disciplina, naquelas décadas. [...] Sob a designação de história das mentalidades ou de psicologia histórica delimitava-se um novo campo, distinto tanto da antiga história intelectual literária como da hegemônica história econômica e social. Com estes objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamentos inéditos, tomados de empréstimo as disciplinas vizinhas: foi o caso das técnicas de análise linguística e semântica, dos meios estatísticos utilizados pela sociologia ou de alguns modelos da antropologia (Chartier, 2002, p. 13-15).

Nessa percepção, a história da comunicação deixa de privilegiar a linearidade com datas e feitos e se concentra nos processos humanos centrados no cotidiano, portanto, com significado cultural. Os meios de comunicação deixam de ser centrais na observação, sendo a história construída a partir dos processos de comunicação e não das práticas singulares de grandes atores sociais. Junta-se à proposta de História Cultural da Comunicação refletida por Barbosa e Ribeiro o professor Igor Sacramento, que trouxe contribuições basilares para o GT, a exemplo do livro *Televisão e memória*, escrito com Ribeiro e lançado em sessão do encontro de 2021. Tal fato sinaliza que houve uma modificação do cenário apresentado por Barbosa (2010) no âmbito das produções apresentadas no GT até 2009.

História das Mídias Audiovisuais: um campo de acolhimento e diversidade

Nesse novo mapeamento feito sobre o GT História das Mídias Audiovisuais entre 2019 e 2023, os destaques da ancoragem dos objetos da comunicação nas especificidades da área do audiovisual têm a televisão como objeto predominante, em recortes que investigam emissoras e canais pagos, teledramaturgia, telejornalismo e programas diversos. Em seguida, o cinema mostra o direcionamento da pesquisa para as sociabilidades, o engajamento documental, as questões de gênero e o público infantil.

É também no universo infantil, articulado às questões de gênero, que o vídeo aparece nos trabalhos de 2019, 2021 e 2023. Seguindo a tendência de ser o GT com o maior número de trabalhos submetidos, redirecionados e apresentados, o grupo de História das Mídias Audiovisuais também acolhe objetos como o filme publicitário, a fotografia de elenco, a música e a animação, haja vista o direcionamento das análises desses objetos para as representações, as identidades, as técnicas, as tecnologias e a estética concernentes à audiovisualidade.

Assim, percebe-se que a análise temática de Machado (2012) ainda é válida, uma vez que as pesquisas tendem a priorizar mudanças tecnológicas (como a passagem do analógico para o digital), a importância histórica da televisão (atrelada às questões políticas, econômicas e culturais do país), as mudanças no consumo da programação, a emergência de gêneros, a presença marcante do telejornalismo e o cinema e a fotografia direcionados à representação e à identidade.

Da mesma forma, a concepção de “entre-lugar”, de Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro (2011), influencia as pesquisas sobre a história das mídias audiovisuais não apenas por reforçar o significado cultural dos processos humanos e do cotidiano, mas também por estimular questionamentos e debates quando determinadas abordagens tendem a se concentrar na linearidade temporal, na observação centrada nos meios e na ênfase dada à singularidade de práticas personalizadas.

Nesse escopo, a pesquisa sobre a história das mídias audiovisuais se dinamizou, em 2019, ao voltar-se para a ênfase dada às ações de determinadas personagens quando articuladas às práticas de comunicação, por meio, por exemplo, da noção da história das mentalidades e da história das visões de mundo. Na contínua investigação sobre a história linear da televisão, as periodizações se consolidam não só como indissociáveis aos fatores e contextos econômicos, políticos e sociais, como também problematizando as produções dos veículos que, pela

assimetria das apropriações tecnológicas, apontam diferentes camadas de tempo nas estéticas locais e nacionais. No mesmo sentido, a memória do cinema não se exaure em diacronias e descrições, mas se debruça sobre a história oral em uma memória calcada no desenvolvimento de sociabilidades e identidades urbanas.

Em 2021, a ditadura militar foi abordada pelos estudos de memória em articulação com as audiências e com identidades autorrepresentadas no cinema documental, tanto no combate estético e político sobre o esquecimento imposto aos nossos povos originários como no engajamento de obras que dão visibilidade a existências femininas interseccionais. É também no campo do cinema que a historiografia toma contornos criativos, como na abordagem da pandemia da Covid-19, que evoca epidemias históricas como inspiração para artistas que, cronistas da peste, retrataram a realidade enferma de suas épocas.

Os objetos das mídias audiovisuais são abordados de formas bastante distintas quando o entre-lugar, caracterizado pela história e pela comunicação, é ocupado pelos estudos sobre gênero: seja numa *playlist* veiculada no Dia Internacional da Mulher ou sobre uma personagem que é referência importante de gênero no universo infantil de diferentes gerações; seja nas rupturas e permanências verificadas na abordagem telejornalística sobre a violência contra as mulheres. É também o telejornalismo objeto pesquisado como lugar de memória e como objeto que transita historicamente pela produção musical, mostrando que o estudo da cultura visual se capilariza em diferentes experiências estéticas. Ratificando a televisão como objeto predominante, a teledramaturgia investe na reflexão sobre a permanência da relação entre tempo e espaço, e a nostalgia é paradigma teórico para o estudo sobre a memória teleafetiva de programas de relevo para a historiografia televisual.

Em 2023, a história das mídias audiovisuais aborda o telejornalismo por meio da reflexão sobre as dinâmicas entre memória e esquecimento em relação à permanência de imagens televisivas criteriosamente tipificadas. As emissoras abertas reavivam a discussão sobre a regulação da radiodifusão diante do investimento em novas formas de oferta e circulação de programas, e os canais pagos são investigados a partir das perspectivas de futuro como fato cultural, abalando a concepção hierárquica da geopolítica pela abordagem de demandas comuns aos feminismos. É também o atravessamento dos estudos de gênero que traz a pesquisa sobre a história das personagens LGBT+Queer na produção de animação infantil e que acolhe os estudos sobre a prática do silenciamento na área da comunicação e saúde.

Considerações finais

O mapeamento e a reflexão sobre as pesquisas acolhidas pelo GT História das Mídias Audiovisuais nos levam a reafirmar a importância das associações acadêmicas e científicas para a consolidação do pensamento científico que articula a comunicação à memória, ao esquecimento, à nostalgia, à história oral, às figuras de historicidade, às permanências, às rupturas, às perspectivas de futuro, aos marcos temporais e às historiografias. Nessa articulação, temporalidades complexas e práticas diversas são tomadas como fator cultural na ancoragem de objetos variados: televisão, teledramaturgia, emissoras abertas, plataformas e canais pagos, telejornalismo, cinema, animação, vídeo e fotografia.

Se tal riqueza de abordagens desse GT específico pode ser atestada pelo número de submissões ao longo dos congressos da Alcar, ela também mostra a potencialidade do campo audiovisual, tendo em vista a transversalidade de seus objetos empíricos. Se, por um lado, percebe-se o rigor conceitual e a abordagem criativa das pesquisas, por outro, é preciso atentar para o risco do entendimento de história como mero e breve apanhado diacrônico sobre os objetos, como se a aderência à história das mídias audiovisuais fosse limitada à descrição “evolutiva” de um veículo. No mesmo sentido, consideramos ser necessário estabelecer critérios mais rígidos para o redirecionamento de trabalhos de outros GTs, uma vez que percebemos que o suporte audiovisual não deve ser o único critério para a realocação de trabalhos que, no cerne de suas pesquisas, privilegiam objetos de outras áreas.

Mesmo assim, é importante ressaltar que se percebe, nas pesquisas entre 2019 e 2023, significativa aderência das submissões às abordagens que contemplam a ementa do grupo de trabalho, trazendo questões econômicas, sociais, políticas, tecnológicas, técnicas, estéticas, linguagens, discursos, narrativas, gêneros, formatos, formas de produção, circulação, recepção e consumo. Destaque-se, aqui, o investimento de pesquisadores que, entre os mais citados no levantamento feito, investem no debate sobre aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre audiovisual.

Ainda refletindo sobre a riqueza dos objetos que se ancoram no entre-lugar da comunicação e da história, sugerimos também um novo debate que, no sentido das reestruturações e desmembramentos do GT História das Mídias Audiovisuais em 2003, 2008 e 2017, reflita sobre o agrupamento da televisão, do vídeo e do cinema sob a mesma perspectiva

audiovisual, dadas as especificidades, singularidades e articulações dos objetos de cada uma dessas áreas.

Tal diversidade é um fator de dificuldade para a proposição de pesquisas coletivas tais quais as que mencionamos relativas à primeira fase de atuação da Alcar. No entanto, ao notarmos a importância que os arquivos, acervos e repositórios apresentam para a pesquisa em mídias audiovisuais, frequentemente tematizados no grupo, propomos uma pesquisa coletiva desenvolvida a partir do GT História das Mídias Audiovisuais.

Referências

ALCAR - ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 12, 2019, Natal, RN. **Anais** [...] Natal: Alcar, 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-12o-encontro-2019/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

ALCAR - ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13, 2021, Juiz de Fora, MG. **Anais** [...] Juiz de Fora: Alcar, 2021. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-13o-encontro-2021/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

ALCAR - ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 14, 2023, Niterói, RJ. **Anais** [...] Niterói: Alcar, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BAUMWORCEL, Ana. Pensando o rádio nos cinquenta anos da morte de Getúlio Vargas. *In*: BAUM, Ana (org.). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 15-17.

BARBOSA, Marialva. História da mídia no Brasil, percurso de uma década. *In*: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José; CASTRO, Cosette (org.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2010. v. 2. p. 213-230.

BARBOSA, Marialva. Entrevista cedida a [Ana Paula Goulart e Cláudio Ornellas]. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ORNELLAS, Cláudio (org.). **Depoimentos: presidentes**. São Paulo: Intercom. 2017. v. 1. p. 275-317.

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e História: um entre-lugar. *In*: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.). **Comunicação e História: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 9-28.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. *In*: HUNT, Lynn (org.). **A história cultural**. 1. ed.; 1. reimp. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 1-29.

MACHADO, Maria Berenice C. História da Mídia. *In*: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José (org.). **Panorama da Comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012**. Flagrantes. Brasília: Ipea, 2012. v. 2. p. 193-198.

MARQUES DE MELO, José. Pela preservação da memória da imprensa. *In*: BAUM, Ana (org.). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 13-14.

MARQUES DE MELO, José (org.). **Síndrome da mordaca: mídia e censura no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2007a.

MARQUES DE MELO, José (org.). **Os bandeirantes da idade mídia**. São Paulo: Angellara, 2007b.

MARQUES DE MELO, José. Trajetória singular da Rede Alfredo de Carvalho - Resgatando a memória da imprensa para construir a história da mídia no Brasil. *In*: MARQUES DE MELO, José (org.). **Síndrome da mordaca: mídia e censura no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2007c. p. 293-303.

MARQUES DE MELO, José. Entrevista cedida a [Ana Paula Goulart Ribeiro e Cláudio Ornellas] *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ORNELLAS, Cláudio (org.). **Depoimentos: presidentes**. São Paulo: Intercom, 2017. v. 1. p. 9-101.

MARQUES DE MELO, José; ADAMI, Antonio (org.) **São Paulo na idade mídia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

MUSSE, Christina F. Alcar: inventário de múltiplos olhares sobre a história da mídia. *In*: DEL BIANCO, Nelia R.; LOPES, Ruy Sardinha (org.). **O campo da Comunicação: epistemologia e contribuições científicas**. São Paulo: Socicom Livros, 2020. p. 266-289.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. História da Comunicação no Brasil: um campo em construção. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (org.). **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 13-26.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.

RIoux, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Submetido em: 25.02.2024

Aprovado em: 18.05.2024